

Memórias

Gabriela Medeiros

In Ensinar géneros de texto: conteúdos, estratégias e materiais

ISBN 978-989-20-9853-1

Como citar

Medeiros, G. (2019). Memórias. In A. Coutinho & N. Jorge (Cords.), *Ensinar géneros de texto: conteúdos, estratégias e materiais* (pp. 34-39). NOVA FCSH-CLUNL.

<https://novaresearch.unl.pt/en/publications/ensinar-géneros-de-texto-conteúdos-estratégias-e-materiais>

MEMÓRIAS

GABRIELA MEDEIROS¹²

CARACTERIZAÇÃO DO GÉNERO¹³

Caracterização: aspetos contextuais

Embora mais associadas à área da Literatura, as memórias, enquanto género de carácter autobiográfico, podem ser adotadas noutras áreas, dependendo do contexto em que são produzidas (familiar, político, jornalístico...). Os textos memorialistas são textos em que alguém, mais ou menos reconhecido, apresenta de forma ulterior e seletiva as suas experiências pessoais que podem ir desde um episódio ou evento do quotidiano até à sua história pessoal integrada na história do seu tempo. O objetivo é transmitir o seu testemunho de uma vivência pessoal inscrita num contexto social externo e, muitas vezes, determinada por ele, estabelecendo-se, por isso, uma relação entre o privado e o público. Estes textos são comumente divulgados em jornais, revistas, edições em livro e, atualmente, em meios digitais, conforme a natureza mais ou menos literária ou a própria situação de produção.

Caracterização: aspetos organizacionais

Os textos memorialistas, em regra, apresentam uma estrutura narrativa descontínua e fragmentada, que se desenvolve por sequências que podem assumir diferentes tipologias (nomeadamente narrativas – as que predominam –, descritivas, argumentativas, e até mesmo dialogais em alguns casos), conforme a perspetiva e o tom adotados pelo memorialista sobre os eventos narrados. A organização tende a ser cronológica, mas segundo uma lógica do tempo da memória, havendo avanços e recuos na linha temporal. É um discurso marcado por localizadores espaciotemporais, uma vez que é um relato que se assume num tempo e num espaço vividos pelo ‘eu’ que narra.

Caracterização: do contextual e organizacional às marcas linguísticas

- A relação com o passado manifesta-se no recurso aos pretéritos perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito (com valor deítico) como tempos base e a deíticos (espaciais e temporais), que localizam os acontecimentos no espaço e no tempo.

¹² Gabriela Medeiros é professora na Escola Secundária Dr. António Carvalho Figueiredo – Loures.

¹³ Referências bibliográficas: Coutinho, 2014; Jbrge, 2014; Jbrge, 2016.

- Ocorrem também formas de presente do indicativo com valor genérico, associadas à apresentação de juízos, de máximas (como estratégia de validação ou de reflexão).
- O caráter autobiográfico e subjetivo justifica que os textos memorialistas sejam redigidos na 1.ª pessoa do singular (evidenciando o tom pessoal e retrospectivo).
- O plano dos textos de memórias tem uma organização, em geral, cronológica, por isso integram elementos como datas, e localizadores temporais (**ex.:** *quando, depois, entretanto*) que asseguram a progressão da narrativa na linha temporal, ainda que possa haver saltos no tempo.
- Os textos memorialistas podem incluir palavras ou expressões com valor epistémico (**ex.:** *Talvez, “se as datas não se me confundem”*), que conferem credibilidade ou autenticidade em relação aos factos narrados. Podem ainda apresentar expressões de teor apreciativo (expressões valorativas, expressão de sentimentos, pontuação, etc.).
- O vocabulário está relacionado com o campo lexical da memória (**ex.:** *“Quando lembro”*).

EXCERTOS DE MEMÓRIAS

Texto A	
<p>[...] Era o Verão de 1933, eu tinha dez anos, e de todas as notícias que o <i>Século</i> publicou naquelas folhas de um certo dia do ano anterior só uma recordação vim a guardar: a fotografia, com respetiva legenda explicativa, que mostrava o chanceler austríaco Dollfuss a assistir a um desfile de tropas no seu país. Era o Verão de 1933, há seis meses que Hitler tomou o poder na Alemanha, mas dessa notícia, se a seu tempo a li no <i>Diário de Notícias</i> que meu pai levava para casa, em Lisboa, não tenho lembrança. Estou de férias, em casa dos meus avós maternos, e, enquanto meio distraído, vou coçando devagarinho os braços, surpreendo-me de como podia um chanceler (que era um chanceler?) ser tão baixinho. Nem Dollfuss nem eu sabemos que irá ser assassinado pelos nazis austríacos no ano seguinte.</p> <p>Foi por esta época (talvez ainda em 33, talvez já em 34, se as datas não se me confundem) que, passando um dia na Rua da Graça, meu costumado caminho entre a Penha de França, onde morava, e São Vicente, onde era então o Liceu Gil Vicente, vi, dependurado à porta de uma tabacaria, mesmo defronte do antigo Royal One, um jornal que apresentava na primeira página o desenho perfeito de uma mão em posição de preparar-se para agarrar algo. Por baixo, lia-se o seguinte título: «Uma mão de ferro calçada com uma luva de veludo». O jornal era o semanário humorístico <i>Sempre Fixe</i>, o desenhador, Francisco Valença, a mão figurava ser a de Salazar.</p> <p>Estas duas imagens – a de um Dollfuss que sorria vendo passar as tropas, quem sabe se já condenado à morte por Hitler, a de mão de ferro de Salazar escondida por baixo da macieira de um veludo hipócrita – nunca me deixaram ao longo da vida. Não me perguntem porquê. Muitas vezes esquecemos o que gostaríamos de poder recordar, outras vezes,</p>	<p>Plano do texto Estrutura narrativa (descontínua) - Apresentação do assunto - relato da fotografia no <i>Século</i> – tempo passado ↓ - Desenvolvimento do assunto com a referência à imagem publicada no <i>Sempre Fixe</i> e a comparação das duas imagens ↓ - Conclusão - reflexão do autor sobre a memória das duas imagens e a impressão que elas lhe provocaram até ao presente.</p> <p>Marcas linguísticas - Pretéritos perfeito simples e imperfeito; presente - 1.ª pessoa - Expressões com valor epistémico e apreciativo - Localizadores temporais (“<i>Verão de 1933</i>”, “<i>esta época</i>”)</p> <p>Meio de publicação Livro: <i>As Pequenas Memórias</i></p>

recorrentes, obsessivos, reagindo ao mínimo estímulo, vêm-nos do passado imagens, palavras soltas, fulgurância, iluminações, e não há explicação para elas, não as convocámos, mas elas aí estão. E são estas que me informam que já nesse tempo, para mim, mais por intuição, obviamente, que por suficiente conhecimento dos factos, Hitler, Mussolini e Salazar eram colheres do mesmo pau, primos da mesma família, iguais na mão de ferro, só diferentes na espessura do veludo e no modo de apertar.

Saramago, José (2006). *As Pequenas Memórias*. Lisboa: Caminho, pp. 140-141 (com supressões)

rias, Caminho, 2006

Produtor textual
Escritor e jornalista (especialista de escrita)

Texto B

Jsé

HÁ TRÊS MESES, EM DELI, conheci a tradutora dos livros de Jsé Saramago para hindi. Antes, conheci tradutores dos seus livros para búlgaro, alemão, holandês, italiano, croata, húngaro, romano, finlandês, etc. a certa altura, deixou de ser invulgar para mim chegar a um país e, antes ou depois de me apresentarem alguém, sussurrarem-me: é o tradutor do Jsé Saramago. Entre os tradutores, entre aqueles que atravessam fronteiras com a delicadeza das palavras, traduzir a obra de Saramago é um estatuto. [...]

Jsé Saramago disse-me muitas vezes: o Jsé tem de pensar na sua obra. O Jsé era eu. Aquilo que recordo com mais nitidez neste instante são as conversas que chegámos a ter, essa voz que me ensinava, que me incentivava a não me afastar do essencial: a vida, a vida. Eu ouvia.

Não sei há quantos anos foi, mas sei que foi no dia 1 de maio. Estava a participar na Feira do Livro de Buenos Aires e, enquanto me dirigia para a sessão com Jsé Saramago, não imaginava aquilo que ia encontrar. Milhares de leitores, dezenas de jornalistas. Essas imagens passam-me agora pela memória. Tenho pena que, em Portugal, a maioria das pessoas não as conheceria. Iriam ter orgulho, tenho a certeza.

Telefonaram-me de jornais e pedem-me um comentário à morte de Jsé Saramago. Quando desigo, duvido dos adjetivos que escolhi, das palavras que fui capaz de dizer em segundos. O Jsé tem de pensar na sua obra. A obra é tão oposta a tudo isto. Eu, Jsé, não sei o que pensar.

[..]

Temos o nosso país, pequeno e grande, e temos, espalhadas por séculos, figuras com a força suficiente para erguer um espelho que nos reflete enquanto portugueses e enquanto seres humanos. Este dia, 18 de junho de 2010, ficará associado ao tempo de um desses enormes. Começaremos hoje a tentar perceber o tamanho do quanto perdemos. Esperemos ser capazes de não nos afastarmos do essencial: a vida, a vida. A vida, Jsé.

Peixoto, José Luís (2016). *Abraço*. Lisboa: Quetzal, pp. 610-613 (com supressões)

Plano do texto

Estrutura narrativa (descontínua)

- Apresentação do assunto (tempo passado)



- Desenvolvimento do assunto relação entre o *outro* e o *eu* (tempo passado / presente)



- Conclusão em discurso reflexivo (tempo presente)

Marcas linguísticas

- Pretéritos perfeito simples e imperfeito; presente

- 1.ª pessoa

- Expressões com valor apreciativo

- Localizadores temporais (“há três meses”, “não sei há quantos anos”, “este dia”, “hoje”)

Meio de publicação

Livro: *Abraço*, Quetzal, 2016

Produtor textual

Escritor e colaborador em publicações jornalísticas (especialista de escrita)

Texto C

Maria Teresa Horta – “Memória” de Maria Judite de Carvalho

“Conheci a Maria Judite de Carvalho mal cheguei à escrita com o meu livro de poesia *Espelho Inicial*. Aliás conheci-a enquanto mulher do escritor Urbano Tavares Rodrigues, pois resguardada em si mesma não só ela ainda não publicara, como nem contara a ninguém que escrevia, no resguardo do silêncio.

Produtor textual

Poetisa e colaboradora em diversos jornais (especialista de escrita)

Plano do texto

Estrutura narrativa

- Apresentação do assunto



E não sendo, também, dada a convívios e reuniões, mantinha-se afastada de quase todos nós, o que acendera a minha curiosidade a seu respeito. Ou seja, sobre ela quase nada se sabia e quase nada se dizia.

No entanto um dia, acabava eu de chegar ao jornal *Diário de Lisboa* para entregar uma crónica que me tinham pedido, o Urbano, que na altura trabalhava na sua redação, veio ter comigo e disse-me:

– A Maria Judite gostaria muito que a Teresa fosse a nossa casa, para a conhecer pessoalmente.

Aceitei o convite inesperado, mas tímida como era na altura, foi sobressaltada que subi a escada sombria de madeira velha de um prédio antigo da Rua Tomás Ribeiro. E foi a própria Maria Judite que me abriu a porta.

Ainda sem fôlego, deparei-me com o seu olhar inteligente e com um inesperado sorriso contido.

Levou-me até uma pequena sala cheia de livros e papéis, onde estivemos a conversar as duas: da vida e da avidez da escrita, das escritoras e dos escritores de quem gostávamos, do que podíamos ou não esperar de um Portugal sem liberdade, sentindo-a aqui e ali mais reservada; mas, embora sem nos abrimos muito, dissemos o suficiente para ficarmos a gostar uma da outra.

Já ao fim da tarde, quando me acompanhou de volta à escada empoeirada, lembro-me de ela ter posto, de súbito, a sua mão firme e muito morena no meu ombro, dizendo-me:

– A Teresa tem de aprender depressa a defender-se do mundo...”

In *JL*, 4 a 17 de julho de 2018, pp. 11-13

- Desenvolvimento do assunto com recurso ao discurso direto



- Conclusão com fecho em discurso direto

Marcas linguísticas

- Pretéritos perfeito simples e imperfeito
- 1.ª pessoa e 3.ª pessoa (presença do *outro*)
- Expressões com valor apreciativo
- Localizadores temporais

Meio de publicação

Jornal de Letras (JL), 4 a 17 julho 2018 e *Iusografias.wordpress.com* /2019/01/16.

TEXTO D

CAPÍTULO PRIMEIRO/ ÓBITO DO AUTOR

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo: a diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

Dito isto, expirei às 2 horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha 64 anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de 300 contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. (..)

Morri de uma pneumonia; mas se lhe disser que foi menos a pneumonia, do que uma idéia grandiosa e útil, a causa da minha morte, é possível que o leitor não me creia, e todavia é verdade. Vou expor-lhe sumariamente o caso. Julgue-o por si mesmo.

CAPÍTULO II / O EMPLASTRO

[..]

Essa idéia era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplastro anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade. Na petição de privilégio que então redigi, chamei a atenção do governo para esse resultado, verdadeiramente cristão. Todavia, não neguei aos amigos as vantagens pecuniárias que deviam resultar da distri-

Plano do texto

Estrutura narrativa

Apresenta-se o assunto sob a forma de reflexão



Inicia-se o relato, invertendo deliberadamente a cronologia



Dá-se continuidade ao relato, narrando factos e expressando e avaliando atitudes e sobre sentimentos



Remete-se para o leitor o julgamento (sobre o apego do ser humano à glória)

Marcas linguísticas

- Pretéritos perfeito simples e imperfeito; presente.
- 1.ª pessoa e 3.ª pessoa (leitor)
- Expressões com valor apreciativo
- Localizadores temporais (“*algum tempo*”,

buição de um produto de tamanhos e tão profundos efeitos. Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influenciou principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: *Emplastro Brás Cubas*. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas. Talvez os modestos me argúam esse defeito; fio, porém, que esse talento me não de reconhecer os hábeis. Assim, a minha idéia trazia duas faces, como medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: - amor da glória.

Um tio meu, cônego de prebenda inteira, costumava dizer que o amor da glória temporal era a perdição das almas, que só devem cobiçar glória eterna. Ao que retorquia outro tio, oficial de um dos antigos terços da infantaria, que o amor da glória era a coisa mais verdadeiramente humana que há no homem, e, conseqüentemente, a sua genuína feição.

Decida o leitor entre o militar e o cônego; eu volto ao emplastro.

Assis, Machado de (1978). *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Edições Abril Cultural, pp. 15-17

Nota: indicação dos capítulos conforme a edição consultada; manteve-se a ortografia brasileira da edição consultada.

“sexta-feira”, “agosto”, “1869”)

Meio de publicação
Memórias Póstumas de Brás Cubas (Fmance), Machado de Assis, Abril Cultural, 1978

Produtor textual
Escritor (especialista de escrita)

PERCURSOS DIDÁTICOS

Análise comparativa de excertos de memórias (Ensi no Secundário)

1. A turma é dividida em três grandes grupos, atribuindo-se a cada grupo um dos textos (A, B e C).

Grelha de análise comparativa de excertos de memórias

		Texto A	Texto B	Texto C
Produtor textual (papel social)				
Objetivo do texto				
Tema				
Plano do texto (estrutura)				
Marcas linguísticas	Campo lexical de <i>memória</i>			
	Pessoa(s) gramatical(ais)			
	Tempo(s) verbal(ais)			
	Localizadores espaciais			
	Localizadores temporais			
	Expressões com valor	epistémico		
deôntico				

2. Em pares, dentro de cada grupo, os alunos leem e analisam os textos, preenchendo uma grelha de análise comparativa de excertos de memórias.
3. Por grupo e por ordem sequencial dos textos, os alunos partilham o resultado do trabalho com a turma, fundamentando as opções tomadas.
4. No final, em conjunto, são sistematizadas as marcas do género memórias mais relevantes.

Sistematização das marcas do género memórias	
Carácter	
Temas	
Plano de texto (estrutura interna e tipo de estrutura predominante)	
Marcas linguísticas	Pessoa
	Tempos verbais

Análise e comparação de textos de memórias verdadeiras e memórias ficcionais (Ensino Secundário)

1. Coletivamente, procede-se à leitura expressiva dos **textos A e D**.
2. Em trabalho individual, os alunos identificam:
 - as marcas de género comuns aos dois textos;
 - as diferenças entre os dois textos.
3. Em trabalho colaborativo, envolvendo toda a turma, são explicitadas as diferenças entre os textos A e D, com base em elementos textuais e paratextuais.

Produção escrita (Ensino Secundário)

1. Produção de texto pertencente ao género memórias:

Num texto predominantemente narrativo, relate um episódio da sua infância que o tenha marcado particularmente.

Ao produzir o seu texto, deverá respeitar as principais marcas do género memórias.